

24340
SERMÃO
DE
S. LUIZ
Rey de França,

Que no dia do mesmo Santo em 1746 prégou na
sua Igreja, sita na Cidade de Lisboa,

E COM O
SS. SACRAMENTO
EXPOSTO, O DOUTOR
FR. JOSE CAETANO
DE SOUSA

*Da Ordem de Nossa Senhora do Carmo da antiga
Observancia, Mestre na Sagrada Theologia
pela Universidade de Coimbra, &c.*

DEDICADO
A O
PRINCIPE
NOSSO SENHOR.

LISBOA:
Na nova Officina SYLVIANA

M. DCC. XLVI.

Com permissão dos Superiores.

PORTALEGRE

ZERMAO

S. LUIS

SS. SACRAMENTO
EYDORO O DOCTOR
FR. JOSE CALIANO

PRINCIPAL

NOBRE SENADOR
M. J. B. B. B.
M. J. B. B. B.

BORTALEBRE



SENHOR.



ACERTO de con-
sagrar ao Sagrado
Respeito de V. AL-
TEZA a limitada materia desta
offerta não chegou a ser consum-
mada

§ 2

mada eleição; porque nenhum outro Mecenas occorreo com o seu patrocínio para o empenho deste sacrificio; nenhum outro Patrono lembrou, a quem devesse dedicar-se, o que só a V. ALTEZA pertencia: até os motivos desta oblação declaravaõ evidentemente o acrédor deste rendimento, que forçosamente devia ser V. ALTEZA. Contém este Sermaõ os louvores do Santo Rey de França LUIZ IX; e conclúe com o elogio da Nação Franceza, avultado pela confissão da amisade de França experimentada em Portugal: todo este assumpto respeita á Real Pessoa de V. ALTEZA, como a seu proprio termo. He V. ALTEZA, como Principe perfeito, hum desempenhado

Exem-

Exemplo daquelle virtuoso Exemplar S. LUIZ IX, huma viva imitação das suas Virtudes; pelo que parece se deviaõ referir ao Imitador os louvores do Imitado; as côres, com que se retratou o Prototypo, á Cópia, que delineou em si a semelhança. Talvez que a gloria de França, que S. LUIZ mereceo augmentada para depois da sua morte, seja a duplicada felicidade, que o Nome de V. ALTEZA prognostica para ventura deste Reyno, que com emulação dos mais o goze Soberano; porque na vida de dous Principes de hum, e outro sangue, Portuguez, e Francez, se disponha aquelle felicissimo Reynado, que acredite as esperanças de Portugal, e restitua parte desta gloria ao merecimento de S. LUIZ, que chega

a abranger todos os frutos, de
que foy Tronco. Todo o louvor,
que neste discurso se attribue á
Nação Franceza, encontra na
Real Pessoa de V. ALTEZA
manifesta iustiça, para que se res-
titua a hum Principe, que no af-
fecto, e ainda no effeito se julga
nos interesses de França utilizado.
Para isto destinou com admiravel
ordem a Providencia Divina a V.
ALTEZA para dobrar, e aper-
tar estreitamente os vinculos da
amizade de Portugal, e França,
até reforçar esta uniaõ com o Sa-
grado Hymenéo, que taõ amoro-
sa, e fórtemente enlaçou os doura-
dos dous Ramos dos Reaes Tron-
cos de Bragança, e Bourbon, cu-
jos Frutos se animaráõ igualem-
te dos heroicos espiritos de huma,
e outra sempre Augusta Raíz.

Nasceo

Nasceo V. ALTEZA para superabundante desempenho da amisade, que deveo a França o Senhor Rey D. JOAM o IV Bisavô de V. ALTEZA; e para reforçar em si, e nos seus Descendentes aquelle amor, que conciliaria nelles por influxos de hum, e outro sangue, Portuguez, e Francez, que com a vida se lhes communicaria pela geração. Finalmente recomenda este elogio nosso o mayor louvor de Portugal; porque se esta famosa Nação a estimulos da nobreza, e fidelidade do seu animo, se prezou sempre de ser a mais agradecida, a sua mayor lisonja foy ouvir os motivos do seu agradecimento, sendo a sua divida a mayor prova da sua satisfação; pelo que assim como a mayor vileza de hum animo racional

cional he esquecer beneficios recebidos, e a mayor injuria lançar em rosto este esquecimento; assim o mayor elogio de hum espirito nobre he esta lembrança, este agradecer confessando.

Com a mesma razão, que faz necessaria, e innata aos Francezes a inclinação a Portugal, se faz relevante louvor dos Portuguezes a gratificação, e conhecimento daquella amisade; e sendo propria, e poderosa recommendação de Portugal todo este panegyrico de França, a V. ALTEZA, como seu, deve offerecer-se, dedicar-se, e restituir-se; pois na Real Pessoa de V. ALTEZA tem Portugal hum Principe, a quem devem referir-se todas as acções, que por qualquer modo forem créditos de Portuguezes.

Se

Sẽ as direcções da cabeça pedem acerto os movimentos dos membros, a ella devem converter-se os louvores; porque tudo, o que acredita aos effeitos, se attribue justamente ao principio, que lhes influe o merecimento deste elogio.

Pelo que, SENHOR, nós referimos reverentemente tudo, o que póde servir de louvor nosso: em cada letra d' esta escritura, em que se lê a nossa gloria, perpetuamos hum obsequio a V. ALTEZA nos seus caractéres, de sorte, que para mayor prova do nosso rendimento não chegue o merecimento desta acção (se algum he) a ter justiça para o prémio; porque em nós tudo he divida, tudo depende da benévola aceitação de V. ALTEZA, para habilitar-se capaz de apparecer na Realpre-

sença de V. ALTEZA: toda a singular affabilidade, com que V. ALTEZA receber a limitada satisfação deste sacrificio, será eterno augmento da nossa mayor ventura. Authorize V. ALTEZA com o seu respeito este nosso empenho, para que a posteridade chegue a lér na inscripção desta obra os dous titulos, que lhe conciliaõ estimação: hum em o nome de hum Augustissimo Principe de Portugal; outro em o nome de hum Santo Rey de França; para que convertidos assim em digno assumpto de toda a veneração, declare o primeiro na Real Pessoa de V. ALTEZA a justiça, com que se lhe offerece o presente Panegyrico: o segundo na Pessoa de S. LUIZ mostre a razão, com que se lhe applicou. Dilate DEOS a vida
de

*de V. ALTEZA para interesses
aventajados, e gloria immortal
destes Reynos, como sinceramen-
te desejamos.*

O Juiz e Mordomos de S. LUIZ

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
DEPARTMENT OF CHEMISTRY
RESEARCH REPORT

REPORT OF THE RESEARCH GROUP
ON THE CHEMISTRY OF
THE SOLID STATE

The following report was prepared by
the members of the research group
under the direction of the
Professor of Chemistry, University of Chicago
during the period from 1950 to 1951.
The work was supported in part by
the National Science Foundation
and the Office of Naval Research.
The authors are indebted to
the members of the staff of the
University of Chicago for their
hospitality and assistance during
the period of their stay at the
University of Chicago.

1952

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

*CENSURA DO M. R. P. M. RODRIGO
de Sá da Congregação do Oratorio de Lis-
boa, Qualificador do Santo Officio, &c.*

EMINENTÍSSIMO SENHOR.

Nunca o exercicio da obediencia foy para mim taõ gostozo, como na occasiã presente, em que V. Eminencia me manda ver este Sermaõ, que na festividade de S. LUIZ Rey de França recitou o M. R. P. M. Doutor Fr. José Caetano de Sousa, Religioso da Illustrissima Ordem de Nossa Senhora do Carmo da antiga Observancia. Para todos será gostozo este Sermaõ, em que se recopilaõ juntos os mais suaves frutos de doutrina, de erudição, e de eloquencia. Que será, para quem teve a gloria de criar pequena arvore, e que hoje reconhece taõ crescida, e fecunda de taõ formosos frutos? E quem me dissera, quando lhe ministrava o brando rego dos primeiros elementos Filosoficos, que havia crescer, e frutificar tanto a arvore deste engenho, quanto se vê, assim neste, e mais Sermões, com que tem condecorado os pulpitos, co-
mo

mo nos admiraveis actos literarios, com
que tem acreditado as cadeiras? Que ha de
fer, se do estreito ambito das aulas da
Congregação do Oratorio se transplantou
para os amplos espaços do Carmélo, aon-
de sempre se deraõ, e frutificáraõ bem as
arvores da sciencia? Quem differa, que
aquelle, que na primeira idade se deixava
ver pequena, mas sempre luzida nuvem,
viria em taõ breve tempo, como Doutor
egregio, a diffundir, á maneira de copio-
sos chuveiros, locuções de taõ alta sabedo-
ria? *Ipsa tanquam imbres mittet eloquia
sapientie suæ.* Que ha de fer, se já entaõ
naquelle pequenez dava indicios certos, de
que seria hum grande homem: *Ecce nube-
cula parva: quasi vestigium hominis.* Que
ha de fer, se já eiaõ se via, que do mar, ou
da Congregação: *Congregationes aquarum
appellavit maria,* aonde esta pequena nuvem
se começava a formar, sahio exaltado, e su-
bindo com superiores vĕtagens sobre os mais
candidatos das sciencias? *Ecce nubecula par-
va ascendebat de mari.* Observou-o assim o
grande Elias: porisso a conduzio, e encami-
nhou para o Carmélo, para que subindo á
eminencia deste monte, subisse ao auge da
mayor literatura: e que bem o testifica este
Sermaõ, em que se vê hum assumpto natu-
ralmente deduzido, e solidamente prova-
do; as Escrituras sem violencia applicadas;
o discurso elevado sim, mas perceptivel; o
estyllo plano, mas magestozo; a variedade
de

de noticias sem confusaõ referidas , e muito a tempo lembradas : e para que nada lhe faltasse para sua cabal perfeiçaõ , em tudo está confõrme com a nossa Santa Fé, e bons costumes , pelo que o julgo muitas vezes digno da estampa. Este o meu parecer , V. Eminencia mandará o que for servido. Lisboa , e Congregaçaõ do Oratorio 21 de Setembro de 1746.

Rodrigo de Sá.

Vista a informaçãõ , póde imprimir-se o Sermaõ , de que se trata ; e depois de impresso tornará para se conferir , e dar licença , que corra , sem a qual não correrá. Lisboa 23 de Setembro de 1746.

*Fr. R. de Alencastre. Sylva. Abreu.
Amaral, Almeida.*

DO ORDINARIO.

PO'de imprimir-se o Sermaõ , de que se trata ; e depois de impresso tornará para se conferir , e dar licença para correr. Lisboa 27 de Setembro de 1746.

D. J. Arcebispo.

DO PAÇO.

*CENSURA DO M. R. DOUTOR
Diogo Barbosa Machado, Abbade de Ce-
ver, Academico do numero da Academia
Real, &c.*

SENHOR.

ORdena-me V. Magestade, que exami-
ne a Oraçãõ Evangelica, consagrada
a hum Monarca, que por suas heroicas vir-
tudes mereceo subir das venerações do Tro-
no aos cultos do Altar: e sendo taõ santifi-
cado este assumpto, devo interpretar o pre-
ceito de V. Magestade, a que converta a
censura em applauso, e a critica em elogio.
Entre a coroada sêrie de sessenta e seis Prin-
cipes, que com immortal gloria dos seus
nomes desde a sua fundaçãõ até o tempo
presente domináraõ a florentissima Monar-
quia Franceza, se distinguio S. LUIZ, co-
mo o Sol entre todos os Altros, no infati-
gavel desvélo, e sagrado ardor de promo-
ver os triunfos da Religiaõ Catholica con-
tra os seus impios, e obstinados antagonis-
tas, preferindo com religiosa razaõ de Es-
tado a dilataçãõ do Imperio de Christo á
extensãõ da sua Monarquia, até offerecer
por holocausto a propria vida entre Nações
barbaras, para que abjurando as suas tor-
pes Seitas, se alistassem debaixo dos Estan-
dartes

dartes do Redemptor crucificado. Deste Catholico zelo deixou por legatarios a seus Soberanos successores, os quaes convertendo o sceptro em clava, como verdadeiros Hercules, despedaçaraõ em diversas partes as cabeças da hydra da Heresia mais pernicioza, que a de Lerna, para que entre a pureza dos seus lyrios, tresplantados do jardim do Empyreo ao escudo das suas armas, não brotasse taõ venenosa zizania. O inflammado espirito, com que prostraraõ, e abateraõ as sacrilegas máquinas dos infames apostatas da Igreja Romana, lhes adquirio a religiosa antonomásia de *Christianissimos*, justamente concedida, e perpetuamente confirmada pelos Oraculos do Vaticano. Para digno Panegyrista deste coroado Heróe da Santidade formou a natureza ao R. Doutor Fr. José Caetano de Sousa, benemérito Alumno da Religiaõ Carmelitana, ornando-o daquelles dotes scientificos, com que assombrou a Academia Conimbricense, onde foy laureado com as insignias Doutoraes, e arrebatou as atenções dos mais eruditos auditorios, como Oraculo da Rhetorica Ecclesiastica. Desta aclamação conciliada nos pulpitos saõ indeleveis testemunas duas Orações Gratulatorias já impressas, recitadas em applauso da recuperada faude de V. Magestade, com a qual se animão os espiritos dos seus vassallos: e parecendo que pela elevação do assumpto tinha este Demosthenes Christaõ exaurido a af-

A

fluencia

fluencia do seu eloquente estylo , nesta terceira Oraçãõ se admiraõ mais copiosas correntes , em que a elegancia das palavras compete com a delicadeza dos pensamentos ; e a harmonia dos períodos com a profundidade dos discursos. Neste theatro não sómente apparecem as figuras da Rhetorica precisamente ornadas , mas os Soberanos Heróes da Monarquia Franceza , que em obsequio da Religiaõ obraraõ acções dignas da immortalidade. Dos amenos jardins da Eloquencia passa a discorrer pelos vastos campos da Historia , reduzindo com industriofo artificio a breves instantes a narração de heroicas façanhas , que foraõ gloriosa occupação de muitos seculos. Não altera a verdade da Historia o ornato da Eloquencia , sendo a sua penna igual para escrever , como Historiador , e amplificar , como Rhetorico , cujas excellentes partes une com tanta felicidade nesta Oraçãõ Evangelica , que se faz acrédor do beneplacito de V. Magestade , para que logre da luz publica. Lisboa 2 de Outubro de 1746.

Diogo Barbosa Machado.

Que se possa imprimir , vistas as licenças do Santo Officio , e Ordinario ; e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir , e táxar , e dar licença para correr , que sem isso não correrá. Lisboa 9 de Outubro de 1746.

Vaz de Carvalho. Almeida. Carv.

Homo

*Homo nobilis abiit in regionem
longinquam accipere sibi reg-
num.*

Luc. 19. v. 12.

CONQUISTAR perdendo, arris-
car a posse de hum Reyno pela de
outro, morrer o Conquistador á
força dos empenhos de dilatar o
seu Imperio, são successos, a quem negou a
alma a prudência de hum politico governo.

SENHOR : a vossa presença nesse Sacra-
mento neste dia de França, consagrado ao
seu Santo Rey, passa de honra a ser de al-
gum modo justiça. Nessa Mesa adoramos
aquelle Mysterio, que em França se fez a
primeira vez publico á veneração Catholi-
ca, no que chamamos *Laus perenne*. Creio
S. Luiz com tal fé a vossa Real assistencia
nesses Altar, que religiosamente constante
recusou ver a vossa Humanidade nessa Hos-
tia, quando no seu tempo appareceo paten-
te, regeitando a evidencia deste milagre
para novo fundamento ao seu crédito : esse
Paó he o preço, em que o Conquistador
do Evangelho fiou os lucros da Conquista :

Abiit accipere Regnum ... dedisti pecuniam LUC. 19. v.
12. 23.

- Gen. 49. v. 20. *ad mensam*; nesse banquete emfim, que para o dia solemne dos Reys se expoz: *Panis præbebit delicias Regibus*, se observaõ as encontradas maximas do governo, de arriscar o Rey, o Soberano, o Senhor a vida:
1. ad Corint. 12. v. 26. *Quotiescumque manducabitis, mortem Domini annuntiabitis*, para que o Reyno dos vassallos perpetuo se dilate: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.*
- Joan. 6. v. 59.

Conquistar perdendo, arriscar a posse de hum Reyno pela de outro, morrer o Conquistador á força dos empenhos de dilatar o seu Imperio, são successos, a quem negou a alma a prudencia de hum politico governo. O desejo de melhorar a ventura, que nos vassallos pôde ser presumida ambição, e magnanimidade nos Principes, tem seu termo destinado pela razão: na justiça do acordo prevalece a pacifica conservação de hum sceptro ao empenho arriscado de conseguir outro: he valerosa resolução no Principe atropelar intrépido as difficuldades, que promettem venturas; he culpavel arrojado acõmetter emprezas, que seguraõ desgraças: na balança de hum juizo Real devem pezar-se as consequencias nocivas de hum damno com a proveitosa cautela nos perigos; nos sustos de perder hum Soberano benemérito da attenção dos seus vassallos mais se arrisca; na morte de hum Rey amado mais perde o Reyno, do que espera, e ganha na melhor victoria: em pouco se estima.

estima a extensaõ da conquista , quando se comprou com a perda , e córte da mais estimavel vida: todo o triunfo , que a esta infelicidade se segue , se converte necessariamente em dissabor ; quando o empenho de dilatar a Monarquia . de vencer os inimigos , chega a despojar ao Soberano da vida , não passa de merecer o nome de verdugo. Perdeo França (eu me declaro já) no fervor das diligencias de senhorear a Tunes , entre as esperanças de reduzir as barbaras Nações ao Christianismo , perdeo aquelle Heróe Rey de seus filhos , Pay de seus vassallos , S. LUIZ nono deste nome : o desejo de sugar Jerusalem ao seu Imperio foy a causa de perder no cativeiro a liberdade , e na segunda empreza a vida.

Alheyo parece do exemplar do Evangelho este exemplo de LUIZ. Aquelle , para quem a esfêra do seu Reyno , e talvez a do Mundo , foy curto theatro para representar a figura da sua magnanimidade , logrou nas suas emprezas differente felicidade , melhor ventura : empredeo a conquista de hum Reyno , além dos Estados , que possuía : *Abiit accipere sibi regnum* ; era o empenho ver em sua vida a si , e ao Imperio dilatado : *Sibi* ; alentava-se o movimento , com que caminhava pela resoluçãõ de voltar saõ , salvo , e vencedor : *Et reverti* ; correspondeo a seu tempo o effeito aos desejos : *Factum est ut rediret* ; porque gran-

Luc. 19. v. 12.

v. 15.

geou

4 *Sermaõ*

V. 14.

geou victorioso a Conquista, e o Reyno: *Accepto regno*. Com toda esta ventura nasceo este Principe do Evangelho com a desgraça de ser aborrecido dos seus vassallos, que o respeitavaõ por força: *Cives ejus oderant eum ... dicentes: Nolumus hunc regnare super nos*: logo se para imitar LUIZ fielmente este exemplar do Evangelho he preciso, que viva conquistando, que dilate o seu dominio antes de padecer a morte, que Reyno conseguiu para França, se antes de o senhorear morre, se antes de vencer acaba, sem voltar com as honras de Triunfador, de Conquistador: *Accipere sibi regnum, & reverti ... ut rediret, accepto regno?* Eu respondo: Conseguiu hum Reyno posthumo, além da morte dilatado, hum Imperio pela perda da vida conquistado; sem voltar LUIZ vencedor, venço; sem conseguir para si a conquista, dilatou a Monarquia; grangeou a victoria excedendo assim o exemplo do Evangelho: *Homo nobilis abiit in regionem longinquam accipere sibi regnum*: assim o discorro, e este he o titulo do discurso, e da empreza: *Imperio de França pela morte de LUIZ dilatado*.

Fenix o Reyno de França na morte do seu Rey, dilatado o Imperio, quando ao parecer abatido, a Monarquia vencedora entre os sustos de vencida, he a ventura nascida da desgraça: fugeitar victorioso os inimigos, accumular vencedor troféos,

fêos , augmentar poderozo o numero das Cidades , he a felicidade de hum Principe , a quem , ou o merecimento , ou a fortuna dá a gloria de Conquistador : vencer depois de morto , triunfar vencido , levantar-se do tumulo para o Capitolio , animar-se para estas heróicas empresas além da morte , he principiar o merecimento pelo fim , em que naturalmente acaba , he continuar a acção além do seu termo , em que necessariamente finaliza. Saõ as desgraças muitas vezes a melhor occasiã , que esperã os mayores successos da ventura. Zoroastes Rey dos BaEtrianos depois de morto , ou por hum rayo , ou pela espada , rayo de Marte , de Nino Rey dos Assirios , deveo aos seus vassallos a fé , de que na veneraçã dos Altares influia além da morte , como *Astro vivo* (assim lhe chamaraõ) os felices movimentos da guerra dos seus póvos. Romulo depois de submergido na tormenta mereceo a effeitos da idolatria , que Roma delle esperasse a gloria das suas armas. A mesma infelicidade , com que Marco Sergio perdeo na batalha a maõ direita , foy occasiã , de que a esquerda contasse os quatro tñunfos , que lhe deraõ a Coroa Civica entre os applausos de Roma. Foy sentença de Plataõ , que os Reys , e vencedores se alentavaõ , fóra do cõmum dos mais homens , de dous espiritos ; hum poderia ceder ás desgraças , á morte ; o outro entã dobrava o alento , quando

quando o primeiro o perdia. França , que das ruínas do Imperio Romano levantou os fundamentos da sua duraçãõ , ensinou-se a conservar espiritos de exaltaçãõ , e de vida, ainda do seu imaginado abatimento : as infelicidades , que lhe dispunha a infallivel antigonia de merecimentos grandes , eraõ proporcionados degráos para elevar-se á mayor altura do seu augmento ; pelo que , ou França contasse triunfos , ou sentisse perdas (porque nem sempre a justiça apadrinha a felicidade da batalha) sempre era certa a sua dilataçãõ , imperturbavel a sua gloria : mediriaõ os mais Reynos do Mundo , sem offensa da sua grandeza , a sua duraçãõ pela ventura , França faria felizmente este computo até das adversidades. Crescer com victorias , póde ser , ou gloria do valor proprio , ou dívida ao braço alheyo , ou beneficio da fortuna , a quem se não tomaõ contas de injustiças. Crescer nas desgraças he infallivel glorioso attributo , de quem assim avulta. Quem deixaria de temer a França a sua perigosa decadencia , vendo na Pessoa Real de LUIZ repetidas perdas de liberdade , e de vida ? Quem não agou-raria infauftamente a França hum mortal deliquio ao corpo da sua Monarquia , vendo que a morte da Cabeça desanima o valor dos membros ? Quem visse a Philippe III exposto pela morte de seu Santo Pay a riscos de imitar a mesma desgraça , não esperaria ,

raria, ou hum indecoroso retiro ás tropas Francezas, sem o desejado fim da victoria, ou huma evidente ruína ao Reyno? Eu digo, que nem esperaria, nem temeria bem; porque pela morte de LUIZ se dilatava o Reyno, se multiplicava o Imperio, se segu- rava a Coroa: Forçosamente hey de passar das razoens Politicas ás Divinas da Escrita- tura.

Fala Isaias no seu Evangelho do Imperio de Christo, original debuxado no Christianismo, e contando-lhe a gloria de dilatado, lhe dá os parabens do nascimento de hum menino, que nascia successor do Reyno de seu Pay, como filho natural do Rey dos Reys: *Parvulus natus est nobis*, *& filius datus est nobis*; o qual não só sus- tentaria sobre si o pezo do governo, mas fundaria, e serviria de tronco á Real des- cendencia sua, que deixaria ao Mundo: *Factus est principatus super humerum ejus* (aqui se figurava LUIZ fundamento da Au- gullissima familia de Bourbon) gozaria os titulos, e epítetos dignos da sua grandeza, até aquelle de ser origem, e Pay de hum fu- turo seculo de feliz reinado: *Vocabitur no- men ejus admirabilis ... Pater futuri sæ- culi*; multiplicarse-ha (continúa o Vaticinio) dilatado o seu Imperio, sentarse-ha pacifico no throno do seu Reyno: *Multi- plicabitur ejus imperium ... super regnum sedebit*; e que para gozar a sua duração fir-

Isai. 9. v. 6.

Ibid.

Ibid.

v. 7.

v. 7.

me, segura o fundará, e confirmará Deos sobre os fundamentos inalteraveis da Politica, e da Justiça agora, e para sempre: *Confirmet illud, & corroboret in judicio, & justitia á modò, & usque in sempiternum*, Venturoso Reyno, que se promete dilatado, ainda além da vida do seu Monarca, que como homem ha de acabar.

v. 3.

Porêm desejava eu saber, donde se promete principiar multiplicado esse Imperio, que ao tempo da profecia não se estende mais, que ás esperanças infalliveis desse futuro: *Pater futuri seculi ... multiplicabitur imperium*. Seria o nascimento deste Principe a Epoca da vida dilatada desta Monarquia? Seria o contentamento de repetidas victorias: *Letabuntur ... sicut exultant victores*? Seria o sagrado, bem succedido empenho de fugeitar ao Principado Christão os poderozos contrarios da Igreja; quebrados para este fim o jugo, a vara, e o sceptro destes inimigos, que até entãõ reinavaõ: *Fugum ... virgam ... & sceptrum superasti*? Tudo podiaõ ser convenientes disposições de hum Monarquia dilatada, da conquista de hum novo Imperio, com o qual se multiplicava o antigo: porêm a felicidade desta dilataçaõ principiava a contar-se segura desde o tempo de hum palavra, e de hum morte; em humma, e outra cousa se fundava: a palavra era dada pelo zelo de Deos a hum Rey fruto da

v. 4.

da descendencia de Jacob: *Zelus Domini faciet hoc ... verbum misit Dominus in Jacob.* v. 7. 8.

A morte não só era, a meu ver, do mesmo Rey, mas também era a palavra, que prognosticava a extensão do Imperio: assim o observo na Versão dos setenta Interpretes, que em lugar de *Verbum misit Dominus*, mandou Deos a palavra *Lem: Mortem misit Dominus*, mandou Deos a morte; porque não têm *Dabar*, que quer dizer palavra; têm *Deber*, que significa a morte: pelo que vinha a ser a Monarquia dilatada: *Multiplicabitur ejus imperium*; hum Reyno futuro de seculos, de que era Rey de palavra, e da morte gloriosa origem, venturoso Pay: *Pater futuri seculi*: effeitos conseguidos pela morte, felicidades para além da sua vida, que no seu fim tinhaõ o principio; pois se chamava Reyno seu, e dilatado, quando pela morte o perdia, e ao mesmo tempo o dilatava: *Multiplicabitur ejus imperium ... mortem misit Dominus.*

Apud du Hamel hic.

Oh Imperio de França posthumo, dilatado, multiplicado pela morte! LUIZ á imitação do Sol, cuja natureza figurou no seu nome *Aloysius: Sol visus*, te ensinou, e ensinou a multiplicar thronos no Oriente á proporção dos tumulos no Occaso; assim não bastáraõ dilatados annos de guerras civis para te acabarem, porque estas ruinas serviaõ de alicerces para nõvos fundamentos: antes

Isai. 53. v.
10.

V. 12.

Apoc. 6. v. 2.

era como proveitosa condição á tua perpetuidade, á duração successiva interminavel dos teus Reys, que LUIZ morresse, para continuar-se assim por seculos a tua gloria, e a sua Real descendencia: *Si posuerit animam suam, videbit semen longævum.* Esta era a maxima da Providencia Divina, independente conservadora dos Imperios, que ficasse o Conquistador morto na empreza; e que assim grangeasse a gloria de vencedor; repartisse triunfante os despojos da victoria; que ainda defanimado arvorasse invencivel os troféos: fallava assim Isaias em huma figura deste caso: *Ideo dispertiam ei plurimos, & fortium dividet spolia, pro eo, quòd tradidit in mortem animam suam.* Duas victorias eraõ o empenho de LUIZ; huma para a conseguir em sua vida, outra para além da sua morte: podia frustrar-se a primeira pela inconstante fortuna da batalha; era infallivel a segunda, que se fundava ainda na mesma inconstancia: porisso, ainda antes de pelejar, antes de vencer tinha LUIZ, ou padecesse a morte, ou conservasse a vida, certo para França aquelle triumpho, com que se alentava para desafiar aos inimigos: *Exivit vincens, ut vinceret.* Pelo que toda a victoria em Tunes, conseguida além da sua morte, eraõ façanhas, que executava o seu braço, e que obrava o seu immortal espirito: novo Cesar, de quem o Poéta cantou a vida posthuma triunfante

fante dos Fados: *Vivit adhuc!* Novo David, a quem seus Successores devêraõ a tranquillidade, a dilataçãõ, e a victoria: *Propter illum dejecit potentiam inimicorum!*

E triunfa LUIZ para conquistar, quando já naõ vive? Vence, quando morre? Respira alentos, quando os perde? Assim he, para que o Reyno posthumo seja seu; para que se lhe deva de justiça o titulo de Libertador, quando cativo; a gloria de vencedor, quando morto, para que ao mesmo tempo mereça as honras da victoria, quando a Parca lhe embarga conseguias. No tempo, em que Othoniel governou o povo Hebrêo, que em Saul seria Reyno, principiou este a dilatar-se com victorias; conseguiu a tranquillidade, e a paz; vingou com triunfos o cativeiro: *Quievit terra ...* Jud. 3 v. 11.
suscitavit eis salvatorem, & liberavit eos & 9.
 Othoniel; em huma batalha (conta Samuel no livro dos Juizes) que apresentou ao Rey da Syria, ficou senhor do campo, do Rey, e do triunfo: *Egressus est ad pugnam, &* V. 10.
tradidit Dominus in manus ejus Regem Syriæ, & oppressit eum. E qual seria o anno, e dia, principio feliz memoravel desta tranquillidade, e desta paz? Os annos (diz o Chronista Sagrado) foraõ quarenta: *Quievit terra quadraginta annis*; porêm se curiosamente advertirmos neste numero, acharemos contra o seu principio huma evidente duvida.

Segun-

Segundo a verdadeira observação da Historia, e o mais verosimel computo da Chronologia nestes quarenta annos, em que os Israelitas gozavaõ da paz, e da victoria, entraraõ varias batalhas do mesmo povo, que necessariamente lhe perturbaraõ a tranquillidade; entraraõ alguns, e naõ poucos annos de durissimo cativeiro para remir, o qual consentiraõ os prisioneiros Israelitas, que lhes désse liberdade o Rey de Mesopotamia com varias condiçoens para os vencidos injuriosas, para os vencedores de vantagem: logo se nestes quarenta annos houve batalhas, cativeiro, perturbações de guerra, em que anno dos 40 foy a victoria de Othoniel, que lhe mereceo o nome de Libertador: *Suscitavit eis salvatorem, & liberavit eos Othoniel*? Em que anno conseguiu para os seus o triunfo, a tranquillidade, a paz, a socegada dilatação dos Israelitas: *Quievit terra quadraginta annis*? Respondo: No anno, em que Othoniel morreo; no anno, em que pela morte perdeo o governo de Israel: naõ se alcançou a victoriosa paz permanente por quarenta annos, nos quaes entraraõ as guerras, e o cativeiro; conseguiu-se no anno ultimo dos quarenta, no quadragésimo: assim o dá a entender a nossa Vulgata, dizendo que a tranquillidade principiou na morte de Othoniel: *Quievit terra quadraginta annis, & mortuus est Othoniel*; o mesmo se observa no original Hebrêo,

V. II.
Apud du
Hamel hic

brêo, do qual consta, que a paz, o triunfo, foy no anno ultimo dos quarenta, em que a morte de Othoniel se conta, como Epoca, origem da tranquillidade, e da victoria: finalmente Othoniel se chama gloriosamente o Triunfante, o Vencedor, o Libertador: *Suscitavit eis salvatorem, & liberavit eos Othoniel*, posto que só pela sua morte se conte o triunfo: *Quiavit terra ... & mortuus est Othoniel.*

Toda esta razaõ, e justiça, com que eu dou a LUIZ a dilataçaõ, victoria, e tranquillidade da Monarquia Franceza depois da sua morte, se embarga pela ordem, e realidade dos successos. Morto LUIZ na empreza, cortadas assim em flor as esperanças da sua conquista, Carlos Rey de Sicilia, Irmão do Santo Monarca, cheyo, e abraçado do zelo, do fangue, da Pátria, e da Fé, sitiou valerosamente a Tunes; venceo sem batalha, só com o medo, que infundia o respeito do seu valor aos Barbaros, a quem obrigou a assinar hum Tratado de consideravel feudo para França, além de outros interesses gloriosos para o Christianismo. Desta sorte, se a Carlos se deveo a victoria, o dominio de França dilatado com este novo Reyno feudatario, como he LUIZ acrédor pela sua morte de toda esta gloria, e dilataçaõ? Sendo elle, o que alentou os nobres espiritos de seu Irmão Carlos felizmente vencedor, que sem offensa

Pt. 48. v. 8.

defensa da sua justiça, sem desdouro do seu valor, podia negar a gloria desta acção de si, confessando que LUIZ fora o Heróe, que a obrára: *Frater non redimit, redimet homo*. Posto que LUIZ morreo, não acabou de todo; porque para merecer para si o nome de Conquistador, animava aos que depois da sua morte haviaõ de gloriarse do successo: *Mortuus est, & quasi non est mortuus, similem enim sibi reliquit post se*: o seu immortal espirito, como não podia naturalmente mover, e alentar o seu corpo frio, e inhabil para esta vida pela morte, cõunicava, e repartia calor aos membros, de quem fora cabeça, para que todo o movimento se devesse á origem, de quem se participava; pelo que a respeito de LUIZ eraõ os seus victoriosos Successores, como aquelles, que para governarem felizmente o povo de Israel, para se gloriarem justamente das victorias, que alcançariaõ, recebiaõ o espirito de Moysés, que nelles se repartia, para executar façanhas: *Auferam de spiritu tuo, & tradam eis, ut sustentent tecum onus populi*. Finalmente a gloria do Reyno dilatado, que se admirou nos Successores de LUIZ, a este se deveo, elle a grangeou para os mais, elle a mereceo.

Num. 11. v. 17.

Gen. 12. v. 12

Promette Deos a Abrahaõ, que se deixar a Pátria, o fará Soberano de hum grande, e numerozo povo: *Egredere de*

de terra tua, & de cognatione tua, faciam te in gentem magnam; (entendo, que me não duvidaõ da palavra Soberano, advertindo, que o povo amado se governou pelos Patriarcas) segura-lhe Deos a sua benção para a ventura de todas as emprezas, hum nome superior respeitado: *Magnifico* v. 2.
bo nomen tuum; huma dilatada descendencia sua, feliz em huma, e outra fortuna: *In te benedicentur cognationes.* Encheo v. 3.
 Abrahaõ as condições desta promessa: sahio de casa, e do seu povo, alentado com as esperanças de conquistar: *Egressus est* v. 4.
Abraham. Succedeo-lhe porêm muito ao contrario do promettido. Nunca se vio Abrahaõ Soberano d'essa populosa multidão, de quem se preconizava Superior: humas vezes padeceo peregrino os descômodos do desterro da Pátria; outras se vio nos perigos da guerra para libertar a seu sobrinho Loth; a risco de perder Sara sua esposa, por não perder a vida na Corte de Abimelech; entre duvidas da descendencia, que lhe negava a esterilidade de sua mulher; arriscado a perder o seu primogenito herdeiro Isaac, e ser elle o verdugo desta morte, que por obedecer a Deos tyrannizasse a sua vida. Morreo emfim Abrahaõ peregrino, sem receber em si a satisfacção do agouro, que lhe prognosticou, e prometteo Soberania, muitos subditos, descendencia dilatada, e apenas teve por gloria o martyrio

da sua esperanza cento e cinco annos : logo se a verdade da Divina palavra feita , e firmada a Abrahaõ he infallivel , real , immutavel , quando teve Abrahaõ o governo : *Faciam te in gentem magnam?* A gloria do nome de Conquistador , de Soberano : *Magnificabo nomen tuum?* Quando foy Superior a muitos povos , que se podiaõ chamar bemaventurados pela fugeiçaõ : *In te benedicentur?*

Gen. 49. v.
25.

V. 26.

Ibidem.

Tudo teve Abrahaõ em José seu descendente , e successor ; para este se dilatou a posse , de que se fez a Abrahaõ a promessa : José conteguio de Deos as bençaõs multiplicadas : *Omnipotens benedict tibi benedictiõibus.* Abraham mereceo a Deos o governo destas felicidades , para que José as ajustasse em si com gloriosa uniaõ , com dobrado augmento : *Benedictiones ... confortate sunt benedictionibus.* Na vida de José (parece-me , que posso agora contemplar a José , e Abraham seu progenitor , e entre respeitos do assombro venerálos , como figuras do Christianissimo Luiz XV , e do Santo LUIZ IX seu ascendente primeiro , quanto á Real Serenissima familia de Bourbon) na vida de José se satisfizeraõ as esperanças do Reyno dilatado , como cabeça , sobre a qual cahiraõ Coroaõs : *Fiant in capite Joseph;* elle venceo as batalhas (e estas , as que na realidade tem mais difficil victoria) que faltaraõ a
Abra-

Abrahaõ por vencer : *Certamen fortè dedit illi , ut vinceret* ; até que finalmente empunhou o sceptro do grande Imperio do Egypto no tempo , em que o povo Hebrêo se dilatou no Reyno de Faraó , Epoca felicissima das suas venturas : *Donec afferret illi Sceptrum regni* ; porém como o primeiro espirito , que executou os merecimentos destas acções , e destas felicidades , foy de Abrahaõ , posto que não conseguiu em si , alcançou em si para os mais. Abrahaõ foy o vaticinado Superior desse grande povo : *Faciam te in gentem magnam* ; (estas foraõ as venturas de José anticipadas , quanto ao vaticinio em Abrahaõ ; e as felicidades de hum Luiz merecidas em outro) Abrahaõ teve o nome glorioso de Senhor : *Magnificabo nomen tuum* ; elle se vio victoriosamente vingado de seus inimigos : *Maledicam maledicentibus tibi* ; elle abençoou para a felicidade todos os futuros da sua descendencia : *In te benedicentur cognationes* : logo toda a gloria destes dous Reynos , Israelitico , e Francez , póde dever-se a Abrahaõ , e a LUIZ , que posto não a conseguiraõ em sua vida , nesta a mereceraõ para depois da sua morte.

Não sey , se retardo já o curioso exame das qualidades deste Reyno , além da morte dilatado. He huma Monarquia perpetua : tudo o que méde a sua duração pelo tempo além da morte , disputa compe-

tencias com a eternidade. Não he a vida por essencia caduca, tambem pôde alentar-se de qualidades, que da corrupção a defendeão. Para perpetuar a permanencia do seu Reyno, o estabeleceo LUIZ em sua vida immovel a toda a mudauça dos tempos, para que na sua morte não padecessẽ abálo o corpo vital da sua Monarquia: ateou no coração dos seus vassallos aquelle incendio, de cujo valor se animaeõ inmortaes os Imperios, respiraõ perpetuidade os Reynos. O amor ás sciencias vinha a ser este alento, que lhe conservava a vida: *Ob Reges*, assim o entendia Salamaõ, *diligite sapientiam, ut in perpetuum regnetis*. Assim se conserva esta chamma, que não consóme, mas aos Reynos de França faz eternos em dezefete Universidades, que em tantas se alenta a arte da Policia sagrada, e humana, unica, e perpetua conservadora dos Estados dos Principes: *Concupiscentia sapientie deducit ad regnum perpetuum*. Com todo este alento, sem Fé seria débil para a duracão de hum Reyno Catholico: renovou LUIZ em si o merecimento ao honroso titulo de *Christianissimo*, de *Filho mórgado da Igreja*, que S. Gregorio Papa deo aos Monarcas de França, e Paulo II confirmou, e explicou o nome pelo excessõ, que na pureza da Fé fazia este Reyno de França aos mais do mundo. Observou LUIZ a inteireza da mesma Fé, a obediencia, e respeito,

Sap. 6.v.22.

Vº 218

peito á Cabeça visível da Igreja, o qual recomendava como principal legado a seu filho, e nelle aos mais Successores da sua Coroa. Assim desempenhou LUIZ o exemplo, que achou, assim o deixou para desempenharem os seus vindouros. Foraõ satisfacções deste exemplo a guerra contra os Heresges Albigenes; o exterminio dos viciosos por Luiz I; dos Judaisantes por Luiz II; a sentença contra os blasfemos do Nome de Deos por Philippe II; o processo criminal contra os Protestantes por Henrique II; o exterminio dos Hugonotes por Carlos IX; a ultima expulsão destas reliquias por Luiz XIV, e Luiz XV, hoje com grande gloria da Nação taõ feliz, e merecida emulação de outras: deve ter França por timbre os seus lirios, ou lizes, explicada a sua pureza, e candidez com aquellas palavras de David: *Mundus ego sum, & regnum meum.*

2.Reg.3. v.

Já houve tempo, em que França teve Fé para si, e para os mais. Lembro-me só do casamento de Berta, filha de Childberto de França, com Ethelberto Rey de Cantabria, a quem com o Matrimoniõ participou a Christandade. Não sey, se me atreva a reparar, em que a Fé tanto se estriba na felicidade deste Reyno, que só, quando triunfaõ de França os seus inimigos, se vê a Fé muito a risco de perder-se: abono este meu dizer, que parecerá paradoxo, com a observação, com que notey, que a felicidade do

23.

do.

do Imperador Carlos V nas batalhas contra França, foy no tempo da infelicidade de Luthéro contra a Igreja. Finalmente, para que esta deva a França (sem roubar dos mais Reynos da Christandade) muita parte da sua firmeza, até lhe deveo já, que os seus Reys fossem, os que castigassem a inobediencia dos scismaticos. Passou o caso no Antipapa Burdino Mauricio desterrado para França. A' vista do exame destas qualidades não obsta a morte de LUIZ á dilatação, e perpetuidade de hum Reyno, que estabeleceo para multiplicar, e dilatar além da sua vida: *Homo nobilis abiit in regionem longinquam accipere sibi regnum.*

Oh feliz Reyno de França! Muito me glorevo de falar agora contigo em Portugal! Oh venturosa Monarquia, Pátria de Principes, gloria immortal dos que te devem o ser! Bemaventurados Patricios, e vassallos de hum Imperio, que pela morte se dilata: *Beati servi tui!* Eu devia cantar-te a gloria entre reverentes applausos; a plausivel solemnidade deste dia; as excellencias do teu poder entre assombros; mas curto ainda todo o desejo, não passaria do principio de louvar-te; por mais que a minha pouca limitada Rhetorica se valese da repetição de figuras, da multidão de Tropos. Tû es, oh Reyno, Sol renascido do teu Occaso, a quem este não embarga as estimações de mayor Astro:

Tû

3. Reg. 10.
v. 8.

+ *Limada*

Tû es (volto agora os ólhos deffê retrato de LUIZ para tí, em quem Luiz vive retratado, contentando-me, por naõ cegar com o Sol, de medir-lhe o reflexo.) Tû es o mesmo, de quem averiguada a origem, he taõ antiga, que vem de Gomor filho de Japhet, filho de Noé; segundo a melhor noticia da Historia: Tû es o epílogo da ventura, a qual sempre nasceo limitada satisfacão ao que mereces: Tû déstes leys ao Mundo, Cabeças aos louros, ás Coroas da Europa, e ás Tiaras. Fostes aquelle poderozo estimulo, que incitou a emulaçãõ, e difficultou a imitaçãõ das mais Naçoens do Mundo: Tû es aquelle Reyno, de quem o mesmo espirito de senhorear ao Mundo todo (que os teus emulos convertem em materia para a censura) he infallivel argumento, evidente prova da tua magnanimidade. Mas suspenda-se o elogio, sacrifique-se ao teu respeito o meu silencio; porque o limitado do Orador he infinitamente desigual a taõ superior assumpto.

Já naõ digo, oh Monarquia florentissima, o que es em tí, direy o que fostes para nós, e para as mais. A tua maõ esquerda conservou sempre a balança da justiça entre os Principes; a direita a espada para defendella; e póde ser, que esta maõ fosse a do braço direito da Igreja: assim o experimentou o Papa Gregorio II, quando para acabar a felicidade do seu triunfo contra

Leaõ

Ita apud Bochart. in suo Phaleg. seu in Geograph. sacra apud du Hamel in comment. ad caput 10. Genes.

Leão Isaurico Imperador do Oriente se valeo de Carlos Martello Principe valeroso de França. Assim o confessaõ de ver-te entre outros muitos, hum Jacobo II de Inglaterra, que perseguido por causa da Religiaõ Catholica, devêo a França o amparo de refugio, as leys de hospede com as estimaçoens de Rey, e ainda hoje nos seus descendentes. Hum Carlos Duque de Mantua confirmado na posse do seu titulo por tua ajuda. Hum Arcebispo de Treveris, que a Luiz XIII devêo pedir ao Imperador satisfacção da offensa, que profanára o sagrado da sua Dignidade. Hum Octavio Duque de Parma conservado no seu throno por Henrique II. Estas, e outras aççoens dignas do vosso merecimento, oh Heróes famosos, vos compraraõ outra inscripção ás vossas lizes, esta he a letra: *Per me reges regnant, per me Principes imperant.* Todo este louvor, com que desejo lisongear a vossa grandeza, se faz suspeitoso, se eu olhar para o que sou, e para o que represento. Represento em mim indigno successor á Sagrada descendencia do Carmelo, que aos Reys de França devêo as mayores estimaçoens na Europa, até que Henrique IV a fez Ordem Regia, e Militar; ainda hoje em Portugal os Carmelitas nos lembramos dos grandes beneficios, que de França recebemos na pessoa de D. Fr. Francisco Soares de Villegas Carmelita Portuguez, a quem a liberalidade

Proverb. 8.
v. 15.

lidade daquelle Heróe mil vezes Grande Luiz XIV elevou aos mayores, tanto sagrados, como politicos empregos do seu Reyno. Sou finalmente fruto deste coração da Europa Portugal; e quando assim o confidero entre a gloria de hum tão estimavel nascimento, encontro logo os titulos, que nos obrigaõ a huma concordia indissolvel, e reciproca uniaõ. Nós os Portuguezes nascemos alentados com o vossõ fangue, que nas nossas, e vossas veyas igualmente corre. O Conde D. Henrique, e seu filho D. Afonso, nõsõ primeiro Rey, ambos eraõ Netos de Roberto Rey de França. Por diligencia vossa o reconheceo por legitimo, e primeiro Soberano de Portugal o Papa Innocencio II. Lembra-nos (eu só relato os mayores motivos da nõssa amisade) que o nõsso Infante D. Duarte vos devêo o excesso de vos obrigares por hum Tratado a conseguir a sua soltura do Castello de Milaõ, em que estava cruelmente prezo; e vos deveria o effeito deste desejo, se a sua honrosa, e violenta morte naõ frustrasse as vossas, e nossas esperanças. Devem os Portuguezes, assim o confesso, ás mais Naçoens do Mundo o amor com o trato, porque ninguem nos cõmunicou, que se naõ visse obrigado a amar-nos; porêm, ou fosse isto justiça do nõsso merecimento, que pouco dura, ou prevalecesse a malicia invejosa dos tempos, ou assim o obrigassem os successos encontra-

dos da fortuna, chegou já este Reyno a de-
 ver a huns o respeito por necessidade, a
 huns o ódio por genio, a outros a amifade
 por conveniencia, a outros hum aborreci-
 mento dissimulado; e chega a grandeza do
 nosso animo a ser tal, que nos esquecemos,
 dos que podiaõ ser aggravos, para cor-
 responder com huma benevolencia publica,
 com hum agrado nobre, com huma aliança
 popular: a vós porêm já devemos amor
 para utilidade nossa contra o vosso mesmo
 interesse. Vós defendestes, e talvez inci-
 tastes a justiça da Serenissima Casa de Bra-
 gança á Coroa de Portugal na Pessoa do
 nosso Réy o Senhor D. Joaõ o IV, sem vos
 servir de obstaculo, que de antes havia no
 vosso Reyno, quem se julgava com direito
 a esta Coroa, a Rainha Catharina de Me-
 dices; mas por esta pertençaõ mostrou, que
 os empenhos, e espiritos só podiaõ ser de
 hum coraçãõ, a quem o sangue Francez naõ
 alentava; de tal sorte, que para desempe-
 nhar o necessario amor da Coroa de França
 aos interessês de Portugal emendou (como
 o fez) o erro da sua pertençaõ, reconhecen-
 do Rey de Portugal a D. Antonio Prior do
 Crato. Deste vosso empenho nasceraõ como
 consequencias aquella resoluçaõ, com que a
 este tempo primeiro diligenciavaõ os vos-
 sos Embaixadores nas Cortes de Europa o
 reconhecimento do nosso natural, e legiti-
 mo Rey, do que os vossos particulares ne-
 gocios.

Andria
 Hysp
 Engl.
 Portug.

gocios. Aquella acção digna do vosso Marquez de Fontené, quando ao Bispo de Lamego Embaixador em Roma para o mesmo fim acompanhou fugitivo, e defendeo da morte. Como a Coroa, e cabeça, que para ella se destinava, era nossa, só a vossa mão podia segurála, ainda á custa de offerecer, como dizia o vosso Cardeal Mazarino, e perder tudo, o que as armas Francezas tinham adquirido em vinte e cinco annos de victoriosas batalhas. Pelo que nos animos Portuguezes, que pela nobreza do seu sangue se prézaõ de razaõ, e de agradecidos, não cabe, nem ainda dissimular a confissão destes vinculos da nossa-amifade. Entre outros motivos, que servem de estímulo a esta nossa confissão, são estes: O vosso conhecimento, e o vosso interesse; nem para espiritos nobres ha mayor obrigação para amar, que o conhecimento do amado, por não contradizer-se; e o seu interesse, por não frustrar-se. Assim o entendeo, quanto ao primeiro, Carlos VIII de França, que para vencer a poderosa liga da Europa contra elle, se fiou no valor, e amifade do nosso Rey D. Joáo o II. O vosso Monarca assim o confessava: assim o advertio, quanto ao segundo, o vosso Duque de Roam, dizendo que eraõ iguaes os interesses de França com a uniaõ de Portugal; como aquelles, de que a Serenissima Casa de Austria encheo os Estados de Alemanha, e Espanha. Levantem-se

26 *Sermaõ de S. LUIZ.*

tem-se á custa do nosso agradecimento esta-
tuas em Portugal aos Christianissimos Mo-
narcas de França , já que estes ainda aos ho-
mens particulares Portuguezes eternizaõ
marmores : passou o caso em Francisco I de
França com o Portuguez D. Antonio da Syl-
veira.

E vós , oh Santo Rey de Reyno
taõ illustre , attendey para o cõmun empe-
nho de França , e agora tambem de Portu-
gal : dilatay a vida do Christianissimo Bem-
amado Monarca Luiz XV ; accrescentay aos
seus annos semanas de seculos : *Dies super
dies Regis adjicies* ; fazey nelle hum aug-
mentado exemplo ao feliz reinado de seu
Bisavõ ; continuay fecunda a Augustissima
familia de Bourbon , de quem sois Tronco ;
seguray a posse deste vossõ Imperio na vida
do Serenissimo Delfim , unico natural her-
deiro desta Coroa : *Dã imperium tuum pue-
ro tuo* ; fazey prosperos ao Rey , e Reyno
nos seus justos intentos , agradaveis a Deos
nas suas obras , perpetuos na sua ventura.
Assim succeda , oh Deos , para sempre bem-
dito : *Fiat , fiat.*

A M E N.

ERRATAS.

EMENDAS.

Pag. 9 lin. 2 *Jacob*

Jacob.

Pag. 20. lin. 28 pou-
ca limitada

pouco limada